



O Gaiato

17 DE AGOSTO DE 1974
ANO XXXI — N.º 794 — Preço 2\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

TRIBUNA DE COIMBRA

● Não somos «sebastianistas». Também não queremos ser «velhos do Restelo». Calou-nos bem o grito de alma do nosso Presidente da República: O Governo ou é forte ou não é governo. Temos medo da anarquia. Temos medo dos que não trabalham ou não querem trabalhar. Acreditamos que o trabalho é a melhor fonte de riqueza.

Os jornais vêm cheios de notícias de jovens desaparecidos e grupos de ladrões. Os jornais trazem até outras notícias mais provocadoras.

Recebemos pedido duma cadeia para aceitarmos um rapaz de 16 anos. Foi preso, mas não lhe encontram causa para prisão e já não é atingido pela lei do Tribunal de Menores. Diz que não tem família e é de Lisboa. Os responsáveis da cadeia procuram uma família para este rapaz.

As nossas Casas não são, normalmente, para estes casos. Vêm já muito feitos. Não estamos preparados, nem temos condições para eles. Diante de muita técnica nós somos uns anjinhos. Mas não queremos cruzar os braços. Faremos o que pudermos.

● Ontem, cá em Casa, foi uma trapalhada. O «Funchal», vendedor de «O Gaiato» no Fundão, teve a visita de seus fregueses. Deixaram-lhe cem escudos. «Funchal», à noite, convidou Zé Albino e foram dar uma volta. Gastaram quarenta escudos nos carroceis e matrecos. Hoje, logo de manhã, «Funchal» foi, muito aflito, dizer ao «Pretito» que é o chefe na praia. «Pretito» pegou numa tesoura e tesourou-lhes os cabelos valentemente. «Funchal» e Zé Albino, envergonhados, foram esconder-se nos quartos de banho. Um tem dezoito e outro dezassete anos.

Coisas de pouca importância, dirão muitos. Mas, no mesmo dia, nós tínhamos ido a todas as Missas falar e pedir. Foi o Evangelho do Pai Nosso. Pedimos a todos que produzissem pão e o repartissem pelos Irmãos.

Enquanto houver homens com fome de pão, não podemos assim gastar em coisas supérfluas. Temos muito receio de certas liberdades tão apregoadas hoje.

Padre Horácio

Gosto muito de Benguela. Gosto da sua gente. Desde a primeira hora que aqui chegou, a Obra da Rua foi acompanhada com muito carinho. Já lá vão quase 11 anos.

Benguela é bonita; sem desprimor para as outras cidades. Seu povo é hospitaleiro. É generoso. Quando acredita numa causa, entrega-se de alma e coração. Que isto se saiba nas cinco partes do mundo

Areias do Cavaco

aonde chega «O Gaiato». Hoje dizemo-lo de Benguela; amanhã do Lobito e doutras terras aonde temos ido. Mas a cidade que nos fica à porta da Casa tem marcas que sempre a definiram como um corpo social diferente.

Pena é que Benguela não possa ser mostrada em todos os seus recantos! O bairro do Chingoma, lá no extremo da cidade, não pode ser visto. Passei ontem por lá. A viúva com seis filhos, ainda pequenos, que não sabe fazer nada, tem ali sua cubata. Fui dar com ela à volta de duas panelas; numa tinha couves e água; noutra só água. Era a refeição da noite; dela e dos filhos. Isto passou-se em domingo à tarde. Soube naquele momento e lugar, que muita gente dali não come a refeição da noite porque não tem com que a fazer; soube de muitas crianças espalhadas em grupos, de barriga dilatada e corpo atrofiado, por falta de alimentação. Vi-as com meus olhos. Vi, também, homens e mulheres a cambalearem com o efeito do álcool ingerido. Tive pena! Não sei o que faria se vivesse nas mesmas condições daquele povo. Não tenho mérito. Tenho responsabilidades. Senti a alegria de verem ali um sacerdote da Igreja de Cristo. Entrei e sen-

Cont. na SEGUNDA página



O grupo de vendedores de «O Gaiato» — da nossa Casa de Benguela.

IDEIAS E HOMENS

Acode-me a palavra do poeta:

«Tua doutrina é boa, sim, seja qual for/se nela pões teu sonho e teu amor...».

Não que assuma a afirmação. A bondade de uma doutrina depende da sua verdade intrínseca. O ideal e a paixão do seu cultor não transmitem o erro em verdade. Mas, no domínio da vida, as ideias valem muito pelos homens que as professam e as servem. A sinceridade, a pureza, o amor, a coerência — são condições de credibilidade para os homens e factores de aceitação das ideias que eles buscam pôr em vida.

Numa sociedade em desenvolvimento, a procura da Justiça que dê a todos e a cada um dos seus membros o que lhes é necessário a uma vida de

teor humano, será em vão, se cada homem, proporcionalmente à sua validade para responsabilidade social, não restringir os anseios do seu bem àquelas vias de realização do Bem-Comum de cuja partilha ele receberá o que puder ser. Abraçar isto com alegria, sem coacção — é construir fraternidade sobre a igualdade essencial de todos os homens, no respeito das diferenças accidentais que a Justiça há-de ter em conta. Na verdade, ao nível da carne, os homens são bastante parecidos entre si. Ao nível do espírito, as necessidades são muito mais diversas em função da cultura, da civilização. Por isso a Justiça não é mononiveladora. Por ser o que é, tem de ajustar-se à realidade de cada homem.

Desta elasticidade não são capazes quaisquer

estruturas de sociedade por mais pensadas, por mais experimentadas, por mais perfeitas. Só o homem será capaz de, apoiado em princípios fundamentais, adaptar-se aos outros homens, na diligência de engranar com eles para a harmonia do conjunto. Mas isso exige a virtude pessoal, um esforço nunca acabado de ajustagem que se chama ascese.

Social é o homem que eleger a Pobreza por ambição, a Humildade por meta de domínio. O homem que caminha na sabedoria de que vencer-se é a condição de vencer; sendo vencer igual a servir eficazmente. O homem que conquistou a sua liberdade.

Onde está o Pobre? Onde está o Humilde? Onde está o Homem interiormente livre? Feliz a sociedade que os encontrou, para se estruturar, para se reger.

PELAS CASAS DO GAIATO

Benguela

16 DE JULHO — O 16 de Julho, na nossa Casa, foi vivido em união com um grupo de raparigas da Casa do Trabalho da nossa cidade, que quis conviver com a malta nesse dia festivo que marcou o nascimento para o Céu do grande «Samaritano», que foi Pai Américo.

Elas ajudaram na confecção da refeição e na decoração do refeitório.

Às 11,45 h. tivemos a celebração da Eucaristia, tendo sido baptizado um dos nossos rapazes, o mais pequenito por sinal, mais conhecido por Zeca. Houve também um grupo que fez a sua primeira Comunhão.

Seguiu-se o almoço que decorreu na maior alegria.

Depois do almoço e quando tudo já estava arrumado, tivemos um franco e são convívio no nosso salão.

Cerca das 21 horas, era a oportunidade de assistirmos a um interessante espectáculo, levado a efeito pelo nosso grupo e pelas raparigas. A representação decorreu, como dissemos, no nosso salão recreativo e cultural. Alguns amigos não quiseram perder esse interessante espectáculo. Foi com muita satisfação que a ele assistiram. Estão de parabéns ambos os grupos, que após longas horas de ensaios e confecção de roupas com hábil dedicação, contribuíram para este agradável serão. Grande parte das figuras apresentou-se com carácter bem marcado; boa escolha dos intérpretes; contendo-se entre nós e elas um grupo de bons amadores dramáticos.

É, pois de felicitar o simpático grupo de raparigas pela sua notável actividade associativa, cultural e recreativa. É um admirável exemplo, digno de ser seguido por muitos grupos de jovens das nossas cidades. Pois, o que a malta precisa é de conviver com a juventude. Se assim for, venham mais vezes porque precisamos de conviver convosco.

Uma palavra de exortação à perseverança do nosso conjunto musical, ao qual desejamos os melhores sucessos, para mais que dispõem de óptimas possibilidades pessoais para os obter.

Domingos André
e Luís Barradas

malanje

GALINHAS — Com o 25 de Abril começaram por ser autorizadas as greves. Desta vez foram as galinhas a fazê-la; já não punham ovos há muito tempo por falta de ração adequada. Atirei a culpa ao Mário e ele dizia que a greve era feita por quem não trazia a ração. A ração está cara e em pequena quantidade; mas em 16 de Julho resolvemos o problema comendo as galinhas que a faziam.

Se houver maior facilidade de ração, teremos ovos; caso contrário, paciência... continuam as greves

16 DE JULHO — O 16 de Julho — dia da morte de Pai Américo e agora indicado para o dia da Obra — foi um dia festivo. Não foi um

TRANSPORTADO NOS AVIÕES
DA T. A. P. PARA ANGOLA E
MOÇAMBIQUE



dia de festa vulgar, porque houve algo mais a marcar nossos corações: baptizados, primeiras Comunhões e a inauguração da nossa cozinha que eu já tinha dito estar em obras, num nosso jornal de há tempos.

Esta cozinha trouxe-nos grandes comodidades; mas, para as ter, foram necessárias muitas despesas que vão ser uma afronta a tantas outras que já tínhamos anteriormente.

Andamos mais uma vez afadigados com as nossas Festas. Desta vez falta-nos a peça de teatro, mas temos um filme a substituí-la com as respectivas variedades representadas pelos nossos rapazes. Representámos dia 15 em Malanje; 16 — depois da nossa festa da Obra — em Cacusó e por aí adiante. Hoje, dia 24, vão partir para Salazar depois de dois dias de repouso.

O que ganharmos nas Festas não vai chegar para pagar a cozinha que há pouco acabámos e ainda temos uma casa já começada há dois anos, que contávamos ter pronta em Março deste ano e, com o andar que leva, ainda demorará muito a acabar. São trinta crianças à espera dessa casa.

DIFICULDADES — Mais duas grandes dificuldades que temos: A primeira é o calçado. Grande parte da nossa malta quase não tem sapatos e estes estão a um preço que nunca conseguiremos calçar noventa pessoas — comprando os sapatos — por mais que nos esforcemos. Quem tiver sapatos usados que, para vós, não tenham utilidade, mande-nos, pois, temos cá uma sapataria que dá bem conta do recado.

A segunda dificuldade são os livros: No ano lectivo transacto já éramos vinte e tal rapazes a estudar no Ciclo, Escola Técnica e Liceu; este ano seremos trinta sem contar os que vão para a primária que são quase todos os restantes. Para comprar livros para tanta gente é-nos difícil se não for a vossa ajuda, prezados leitores. Se vossos filhos têm livros de que já não precisem e que estejam *em vigor*, mandem-nos; temos rapazes em todas as classes desde a pré até ao sétimo — Ensino Técnico e Liceal.

Joaquim Carlos Fernandes

Praia de Mira

FÉRIAS — Os pequenos acabamentos na nossa Casa de Mira, estão quase terminados e ainda com eles assim, quisemos dar início às nossas férias. Isto, porque os lindos dias de calor, no início do mês de Junho, chamavam por nós.

Foram os nossos mais pequeninos que abriram a nossa linda casa, com o seu lindo período de férias. Estou convencido que foram eles que apanharam os melhores dias de praia, visto que este mês é quase sempre o melhor, embora o mês de Julho também seja quente.

Pois a nossa casa, como já disse, é linda, linda; ela é fruto de quanto alguns de nós fizeram por ela. Nós, os rapazes, é que a construímos, embora com a ajuda de alguns amigos que, de vez em quando, nos mandam a sua oferta.

Agora, todos a poderão saborear e todos se sentem satisfeitos com ela; aliás, o sr. Pe. Horácio procurou a melhor solução para que todos se sentissem satisfeitos.

Temos em frente à casa, um átrio de recreio onde estão localizados os balancés, o carrocel e um tanquezinho com peixes. Neste tanque, os mais pequeninos divertem-se com seus barquitos e quando se sentem saturados de lá estarem, correm instantaneamente em direcção aos baloiços. É assim que eles se divertem antes de se dirigirem para a beira-mar.

Junto ao mar, nem todos têm vontade de tomar banho. O Pedro e o Zeca, os mais pequenitos, são dois deles. E quando há uma voz que chama para o banho, eles os dois berram que se fartam. Mas não

é por isso que deixam de ir ao mar. Pois vão mesmo.

VISITAS — Temos tido visitas desde que começámos até terminarmos e nunca estamos cansados de os receber.

E, já agora, quero aproveitar para dizer aos nossos amigos, que todos sois livres de visitar a nossa Casa de Mira; portanto, sempre que quiserdes vinde visitar-nos, pois gostamos imenso da vossa presença.

Quando vierdes, trazei convosco os vossos filhos e recomendo de um modo especial os mais novos, porque serão eles com certeza quem melhor apreciará o nosso Parque Infantil, já desde o início da sua montagem cobijado por quase todas as crianças nossas vizinhas e quando nos descuidávamos um pouco invadiam-nos por completo o nosso parque de recreio. A montagem dos baloiços foi também para todas estas crianças motivo de muita alegria e nós gostamos que todos se sintam alegres. Mas acho que mesmo na alegria deve haver ordem e é isso que não tem havido. Portanto, nós vendo que aquela malta já andava a abusar um pouco nas entradas, dentro da nossa vedação, nos intervalos em que lá não estávamos, tivemos de pôr fim a estas mesmas entradas. Por isso, procuramos que andassem somente quando estivessem presentes os nossos mais pequenitos, porque se não, em vez de sermos nós os donos, passaríamos eles a sê-lo. Pode ser um pouco chocante o ter que dizer que tivemos de mandar vir, da nossa Casa de Miranda, o portão já previsto para a entrada. Mas foi a melhor maneira deste problema se poder resolver.

Vinde, pois, visitar-nos e que o portão não seja estorvo para ninguém. «Nós somos a Porta Aberta».

Manuel António

Azurara

O dia 20 de Junho raiou um pouco fresco.

Os pequeninos só falavam na praia e não se cansavam de fazer perguntas.

Tudo preparado, deixámos Paço de Sousa. O Carlitos conduzia e nós transmitíamos alegria através das nossas canções.

Pelas 16 horas tínhamos a nossa casa à vista!

Como é natural este primeiro dia foi de confusão. Era o arranjar a casa, era o fazer jantar, etc. Terminou o dia e todos correram para as camas.

Não posso deixar de falar naquela semana invernal que lá passámos! Que belo presente! Chuva, vento, frio e trovoadas! Oh! Santa Bárbara, para o ano livra-nos de tal mimo!...

Como depois da tempestade vem a bonança, assim o sol voltou com alegria.

No dia 30 tivemos uma agradável viagem no carrocel. A maior parte de nós nunca tinha andado. Foi dia de festa! Tenho presente a simpatia do sr. António Bento, da Madalena (Gaia), que nos proporcionou gratuitamente esta inesquecível viagem.

O dia 6 foi de grande festa para todos nós e em especial para os 14 que fizeram a primeira Comunhão. Todos ajudámos. A casa estava linda e nossas almas respiravam beleza maior.

Pelas 19 h. sr. Pe. Carlos presidiu à Eucaristia cantada por todos nós. Em seguida o jantar.

Os dias passaram. Foram três semanas. Decorreram cheias de alegria que iam suplantando as canseiras e arrelia.

Também quero lembrar, que tivemos como vizinho o Manuel Pinto, acompanhado de sua esposa e sua filhinha.

Para terminar envio um grande abraço para todos os leitores que estão interessados em ler este nosso Jornal.

Meno

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

VIDA E MORTE — Faleceu o sr. Manuel de Calves. Não vamos falar de todo o seu calvário!... O pão, a miséria, as dores — a vida negra dos Pobres daria um livro de cada um. Mas não importa. O que não sai à luz do dia para nossa penitência — sairá no Último Dia.

Foi do campo. Como reforma, só tinha o subsídio oficial prós de 70 anos... e o carinho da filha. Viúva, praticamente inválida e sem descendência, ela resolveu, há anos — por necessidade — tornar-se Ama de expostos ou abandonados, pela mão da Roda oficial.

A panela cresceu. Eles cresceram. Mas o soldo da Roda não rolou por aí fora: jamais dispensou a nossa participação!

Concordando ou não com a dita Roda, o certo é que algumas das Amas que conhecemos, aparentemente *mercenárias*, foram e ainda são, para o País, um suporte económico-moral-pedagógico na educação de filhos sem pais, de *pais* demitidos dos mais elementares deveres naturais, com a anuência tácita da própria Lei... só para afortunados!

Como assentaria bem melhor nestas Mulheres do povo — limpas da aparência *mercenária* e que tendem a desaparecer (?) com a natural evolução dos tempos — uma das tais comendas ao serviço da Nação, do que no peito de muitos comendadores e comendadeiras!

Lembrámos — a tempo — o subsídio de funeral, pela Casa do Povo. Para colher dados, telefonámos: «() Basta só apresentar: certidão d'óbito do Registo Civil ou do pároco (o sublinhado é nosso), declaração a cargo de quem estava o falecido, que o requerimento é feito cá...»

Esta regalia e outras escapam mais às gentes do campo do que das fábricas... E se o interessado — *por desconhecimento* — não andar da perna, perde pau e bola! Não deveria ser assim, porque é um atentado à ignorância e aos direitos do Trabalhador. A oportuna remessa, pelos serviços, de um esla-recedor postal-aviso à família e, em último recurso, ao regedor, mais do que uma delicadeza seria um dever elementar...

RECEBEMOS — 300\$00 de J. Coelho, entregues no Espelho da Moda. O mesmo de uma senhora, cuja filha faleceu em Macau. Ainda do Porto, 100\$00. Finalmente, duas simpáticas remessas de J. Correia, de Lisboa e de C. da Palma, de Vancouver (Canadá).

Muito obrigado em nome dos Pobres.

P. S. — Saibam os nossos Leitores que, além de auxílios normais de 3.500\$00 distribuídos durante o mês, suportamos outras despesas, também mensais, das quais indicamos algumas, das mais volumosas: 600\$00 para um trabalhador do campo, inválido; mesa posta, para outro, ao meio-dia e à noite, 750\$00; mercearia, farmácia, etc. etc.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

OBRAS — Temos andado com as obras na casa-um, secções de alfaiataria, sapataria e barbearia. Andam a pôr soalho novo em cada secção e a ajeitar paredes.

Como os trolhas são poucos para o trabalho, os carpinteiros e até os próprios alfaiates e sapateiros têm dado uma ajuda na tarefa.

ESTUDO — Este ano vão para o nosso Lar no Porto mais alguns rapazes que fizeram o segundo ano

da Telescola. E como este ano — e sempre — o sr. Pe. Carlos já deu a escolher a cada um dos rapazes a sua preferência, vão estudar para o Liceu: «Elvas», e «Papagaio»; para as Escolas Técnicas: Ganhão, «Toupeira», Manuelzinho, Paulo Jorge e Quim. E ainda mais os que já andam a estudar. Mas três deles não continuam: Abílio, «Piloto» e «Manteigas».

Esperemos que os estudantes *profissionais*, saibam aproveitar e tirar boas notas.

FUTEBOL — O nosso onze ainda continua em descanso. Há já bastante tempo que não defrontamos uma equipa! Eu sei, muitos clubes não vêm cá porque neste tempo é muito calor e jogar futebol debaixo de sol quente é um problema; uma pessoa sua por todos os lados. Mas, entretanto, se alguns amigos quiserem jogar estamos às ordens.

A malta costuma treinar à quarta-feira, pelas 5 horas da tarde. O nosso treinador à quarta-feira não costuma estar, porque tem trabalhos a fazer. Então o nosso treinador é substituído pelo Vasco. Mas no último treino ele não quis treinar porque dois rapazes pegaram à bulha. Espero que não aconteça mais isso!

PARTIDAS E CHEGADAS — Brevemente vai para África o Anibal, nosso chefe maior. Não vai em serviço militar, mas para junto da família. Desejamos-lhe uma boa viagem.

Há dias tivemos a visita do nosso Manuel Rosa, que foi de Paço de Sousa e trabalha numa empresa em Lourenço Marques. Está prestes a casar e regressa após o matrimónio.

VISITANTES — Depois da crónica que o «Zucaca» escreveu para «O Gaiato» acerca dum pardal que tinha criado, muitos visitantes vêm cá, de propósito, ver a ave. Mas essas pessoas que vieram de propósito, não viram o pardal porque tinha ido para a quinta dos vizinhos. E outras também perguntam pelo pardal — já muito conhecido nesta zona de Paço de Sousa.

LAVOURA — Já começámos há bastante tempo com a colheita da batata. E já terminou. Agora, estamos com a colheita do pepino e tomate que todos os dias comemos ao meio-dia. E ultimamente também temos comido muita fruta do nosso pomar em frente à casa-mãe. Só não comemos ameixas porque, este ano, houve muito poucas em relação aos outros anos.

Jorge Alvor

Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

tei-me. Ela sentou-se na minha frente. Este povo quer ser livre do jugo da miséria que o oprime.

A Igreja tem a força e o poder para o libertar. Tem a mesma e o mesmo que Cristo teve. Este povo espera pela Igreja. Espera pelos cristãos. Espera que irmãos vão ao seu encontro.

Fui de mãos vazias; vim de lá com a consciência cheia de iniquitações.

Benguela é bonita. Pena é que não possa ser mostrada em todos os seus recantos.

Padre Manuel António

HABITAÇÃO - Problema primeiro

A CABO de ler o despacho ontem proferido pelo Governo com vista à eliminação dos bairros de lata por substituição dos mesmos por construções definitivas, a erguer, em princípio, nos lugares anteriormente ocupados.

Não é preciso dizer do nosso regozijo. São quase os 30 anos de «O Gaiato» a defender esta doutrina, aliás recentemente confirmada a propósito das reacções dos moradores de tais bairros.

Aqui está um projecto que não visa fachada, que não resolverá tudo de uma assentada, mas que esperamos executável e eficaz, justamente pela mobilização de muitas boas vontades, de várias disponibilidades a juntarem forças ao esforço das populações interessadas, «a quem deve pertencer sempre a iniciativa das operações».

Oxalá os «aliados» destas populações, naturalmente imprevistas para uma operação deste género, não atropelam as iniciativas, ou com excesso de zelo que se sobreponha, ou com qualquer segunda-intenção de penacho ou de efeito político.

Pôr a tónica da actividade sobre as populações interessadas é altamente construtivo: é uma responsabilização que promove. Problemas desconhecidos exigirão o exercício de capacidades também ignoradas. E ao fim da obra feita há uma experiência ganha que habilitará a novos empreendimentos. É o que aprendemos do contacto com auto-construtores, mormenmente quando a auto-construção resultou de uma equipa que trabalhou longo tempo em conjunto.

No caso presente a empresa terá uma dimensão muito maior. Deus queira esta dimensão não esmague os homens, ou não coloque apenas sobre alguns poucos o peso da responsabilidade, que o mesmo é dizer: a oportunidade de tomarem consciência do que são capazes.

Trabalhar em equipa é indis-

pensável, mas sempre difícil. Será necessário cada grupo descobrir o mentor e moderador que catalize a mentalização das gentes e arbitre os diferendos que, inevitavelmente surgirão. Há que estar prevenido contra todos os assomos de egoísmo. O trabalho terá de ser em comum para um bem-comum que não pode imediatamente beneficiar todos. Há que saber aguardar com paciência uma meta pela qual se pode esperar com confiança, uma vez encetado o caminho. Não podemos dizer que o exemplo recente seja brilhante. Quantos problemas surgidos e avolumados recentemente no nosso País, porque muita gente quis logo o telhado sem pensar nos alicerces. Uma empresa destas, vise aumentos salariais, pretenda a eliminação de chagas habitacionais, demande garantias de suficiência tranquila na velhice ou na doença, exige trabalho, renúncia, muito sacrifício intermediário. Os bens autênticos de que o Povo precisa não caem do céu; há que erguê-los da terra com a bênção de Deus.

O problema do dinheiro não pode nem deve ser o princi-

pal. Ele há-de resolver-se a partir da justiça que clama o seu direito, e este a um nível fundamental. Sem habitação humana não podem crescer homens sãos.

A velha teoria de que é preciso criar riqueza para poder distribuir é equívoca. Não há-de ir crescendo a riqueza em paralelo com a miséria, para que atingido um valioso nível daquela se acabe, rápida e definitivamente, com esta. A cada etapa do progresso da riqueza tem de corresponder outra de diminuição de miséria. Será menos vistoso, mas é mais verdadeiro e mais sadio. Não se

satisfarão todas as necessidades de uma vez — repito. Mas cada vitória ganha traz em si um germe de multiplicação, que tornará mais fáceis e abundantes os passos seguintes.

E agora a altura de inventar novas, ou pôr em prática ideias passadas. Porque não aproveitar já, uma vez que a eliminação dos bairros de lata é problema nacional e tem o aval do Governo, aquele tostão (ou dois, ou mesmo cinco tostões) por cada matriz do Totobola entregue — o que daria semanalmente um fundo de centos de contos. Esta sugestão veio do Povo, há muitos anos e

foi largamente plebiscitada no nosso Jornal onde o Povo sempre teve voz. «Se é ele quem mais ordena...»!

Da nossa parte, tomamos a decisão de nos constituirmos assistentes neste processo.

Que se não fique em palavras. Que se não adultere os gestos, nem se deixe intrometer mesquinhez nesta operação tão santa de que se espera, fundamentadamente, mais saúde para a sociedade portuguesa. Fiquem para trás muitos «bonitos» que podem dar efêmeros louros aos seus autores. A habitação é um problema primeiro.

Novos Assinantes de «O GAIATO»

● «O Gaiato» nas Famílias

O extraordinário interesse de muitos Leitores pela inscrição dos seus familiares tem sido — e continua a ser — uma nota relevante. Como esta Avó, de Lisboa, que nos remete «um novo assinante, outro meu neto, chamado Domingos...».

E que dizer da famosíssima carta de uma Empregada doméstica?! Vamos ler:

«Há muito que era meu desejo dizer alguma coisa como leitora do Jornal «O Gaiato» que eu tanto estimo.

Sou uma humilde criada, mas costumo ler o Jornal desde a sua fundação. Estive numa casa 13 anos onde os Senhores também eram assinantes. Daí para cá sempre o tenho comprado, mas com vontade de ser assinante.

Faz-me muito bem a sua leitura. Sinto-me mais irmã dos meus irmãos da Obra do Pai Américo.

Quero dizer que resolvi ser assinante; não eu, mas uma sobrinha que tenho e que sempre lê o Jornal que eu lhe levo, pois

ela gosta sempre muito de o ler. Então, como este ano fez a 4.ª classe, como prenda desejo oferecer-lhe a assinatura — enquanto eu puder trabalhar. Depois, continuará ela a assinar. Junto envio 50\$00.

Termino, pedindo ao Senhor, como Pai Américo, que «numa hora de tanto incenso mal entendido, Deus dê ao nosso Povo (nomeadamente aos mais caídos, aos mais abandonados) homens que o amem de coração sincero; que o sirvam sem segundas intenções» — como Pai Américo.

Fico pensando que com Cristo tudo é possível. Muito obrigada

Leonor

Como estamos em família, ouçamos, agora, um «nosso camarada da velha guarda»:

«Tenho recebido o nosso «Famoso», que leio de ponta a ponta e depois de o saborear, medito que este mesmo Jornal andei tantos anos com ele na sacola a distribuí-lo de mão em mão por tantas terras do nosso Portugal. Ele é um revolucionário que entra em nossa casa, produz inquietação interior e desperta-nos a consciência. Pois nós, filhos

da Obra, temos um dever muito grande: o de sermos dignos filhos dela. Ao deixá-la não poderemos mais esquecê-la ou abandoná-la. Trazemos muitas responsabilidades e, por isso, temos que a defender, dando o exemplo de quem passou por uma Obra como a nossa, de tamanho alcance social, que só nós podemos avaliar pelo muito que nos estimam e amam, sobretudo quando sabemos ser dignos filhos dela e do Pai Américo.

Caro amigo, escrevo esta carta para pedir a inscrição de duas novas assinantes...»

● De norte a sul do País

Mais uma boa lista de Sezimbra — com nove Leitores! O vento marítimo não deixa apagar o fogo que lavra naquelas terras... Viva o povo de Sezimbra!

Passam, agora, novos assinantes de Moreira de Rei (Fafe), Lagoa (Macedo do Cavaleiros), S. Jacinto (Aveiro), Carcavelos, Ovar, Amadora, Cête, Celorico de Basto, Santarém, Tavira, Ermesinde, Fundão, Guetim (Espinho), Carvalhal (Branca), Montijo, Setúbal, S. Mamede de Infesta e Espinho. Um ror de gente! E, como somos um país macrocéfalo, Porto e Lisboa marcam a presença do costume.

● Angola e Moçambique

Da Costa Ocidental, registámos novos Leitores de Benguela e Lobito. São porta com porta. Da Costa Oriental, só de Lourenço Marques; além de vários militares — que não dispensam a leitura de «O Gaiato».

Júlio Mendes

RETALHOS DE VIDA

○ Albano



Sou natural de Benguela, onde nasci em 18 de Janeiro de 1963.

Saí desta cidade quando tinha cerca de 2 anos. Fomos para Novo Redondo. Como não tínhamos casa, passámos a dormir em casa de minha tia.

Passados 2 anos lá conseguimos arranjar uma casa, onde podíamos estar bem.

Quando tinha 7 anos puseram-me a estudar na pré-primária; fiz a 1.ª classe; quando estava na 2.ª a minha mãe meteu-me nesta Casa do Gaiato, em 2 de Dezembro de 1971 e fiz a 3.ª cá. Agora encontro-me a estudar na 4.ª classe.

Quando vim para esta Casa tinha 8 anos, era de varrer com os «Batatinhas» e passei a dormir com eles.

Em 25 de Fevereiro de 1972 entrei como vendedor de «O Gaiato» e tinha já 9 anos.

Estou agora a fazer a 4.ª classe para me tornar um grande homem de verdade.

Quando for grande quero ser padre, também da Obra da Rua e, por isso, estudo.

Pois então meus queridos leitores, não há mais uma palavra para lhes contar. É pequenina a história que lhes conto sobre a minha vida.

Adeus meus queridos leitores e um grande abraço do vosso amigo

Albano César Batalha da Silva



São os filhos do José Alves que, em Paço de Sousa, foi o «Baleia».



Quem conhece «O Galato» sabe bem que sempre estivemos ao lado dos mais pobres, das vítimas da injustiça e dos deserdados da fortuna. Em termos enérgicos se têm denunciado aqui as gritantes desigualdades sociais existentes entre um grupo reduzido de privilegiados e a maioria da população. Colocados em posição «estratégica» e contactando com as mais diversas camadas populacionais, sentimos os problemas como poucos e, se vamos procurando resolver alguns ou minorar as trágicas sequelas de outros, fica-nos ainda infinito campo onde a angústia de nada podermos fazer ou solucionar nos caustica e desgasta. Estamos, pois, perfeitamente à vontade e, na linha de independência que caracteriza a nossa acção, capacitados para comentar três decisões, ou ausência delas, por parte das autoridades, que consideramos precipitadas ou falhas de equilíbrio na sua expressão pragmática.

O primeiro comentário refere-se ao estabelecimento do último ordenado mínimo nacional sem um estudo prévio, sério e reflectido, da situação económica geral e das possibilidades particulares dos diversos sectores. As pequenas unidades industriais ou comerciais correm o risco de sosso-brar, agravando-se ainda mais o estado de crise em que se vive. A incapacidade financeira da maioria das empresas é manifesta e a consequência lógica será a sua falência e o despedimento dos seus trabalhadores. Acresce ainda que até

Aqui, Lisboa!

os próprios organismos oficiais ou equivalentes não dispõem de verbas para satisfazer os encargos criados e se vêem embaraçados para pagar aos seus funcionários. Paradoxalmente estabeleceu-se um salário base sem se atender a uma reestruturação de quadros, em que o tempo de serviço, a sua natureza e a responsabilidade relativa de cada um não fossem esquecidos. Infelizmente, ainda, para cúmulo, os trabalhadores do campo foram vítimas, mais uma vez, duma autêntica discriminação, sucedendo haver organismos onde agricultores ou homens ligados à lavoura, com 8 horas de trabalho diário, passaram a ganhar menos do que uma simples mulher de limpeza.

O segundo problema alvo da nossa atenção refere-se à permissão de greves e das reivindicações mais exorbitantes, sem as regulamentações adequadas do direito à greve e de todos os processos reivindicativos. Como quase toda a gente pensa só em ganhar muito e fazer o menos possível, têm-se criado situações deploráveis, com consequências imprevisíveis. Se há empresas que podem aguentar as altas de salários verificados, outras existem, e são a maioria, que os não podem satisfazer, mesmo quando pertencentes aos mesmos ramos de actividade. Se há grupos que

podem até satisfazer as reivindicações mais desequilibradas, podendo investir e perder por períodos mais ou menos longos, há os pequenos comerciantes ou industriais que estão com a corda ao pescoço. Depois virão os monopólios mais monopólios, acabando por ser fundamentalmente lesados os mais fracos. E que importa ganhar grandes ordenados se os produtos se tornam cada vez mais caros, por rarefação ou por aumento do seu custo efectivo? Quem vai produzir, por exemplo, produtos agrícolas e animais, se os preços que pagam à lavoura são incompatíveis com os respectivos custos da produção? Estes problemas não se resolvem facilmente e não é sobre o joelho ou ao sabor de oportunismos políticos ou

de outros que se encontra a a sua chave. Ao contrário, o Povo, que é tão falado e reclamado, será sempre, ao fim e ao cabo, a eterna vítima.

O terceiro apontamento concerne à última amnistia dos presos de delitos comuns. Salvo o devido respeito, consideramos muito arbitraria a maneira como foi decretada.

Também aqui a precipitação imperou e, por isso, não admira que alguns dos presos depressa voltassem a cair na alçada da lei. Não julgamos ninguém nem seremos nós a dizer que desta água não beberemos. Todavia, causa-nos impressão que as pressas levassem a colocar em liberdade pessoas incapazes de fazer face à vida, já pelas suas taras ou deficiências mentais, como pela ausên-

cia de antecedente período de readaptação e não terem ocupação assegurada. Cada caso deveria ter merecido um estudo atento e particular, com uma solução humana equilibrada e não vista através de outros prismas, por mais razoáveis que possam parecer. É que uma pessoa não é uma coisa e há que atender ainda à sua integração no todo e à defesa dos valores que a este digam respeito. Podemos corroborar, por exemplo, com dois casos muito ligados a nós, de pais, respectivamente de dois e três dos nossos Rapazes, condenados a pena maior por uxoricídio. Um deles doente, incapaz de trabalhar, é posto em liberdade às 21 h. e 30 e a pé dirige-se aqui. Vagando por Seca e Meca, procurando assistência médica e trabalho, tem vivido do nosso apoio. O outro sem trabalho e sem que o aceitem tem passado maus bocados.

Não compreendemos, pois.

Padre Luiz

Setúbal

Têm sido de esforço intenso e duro estes últimos meses em nossa Casa. Não te admires que não escreva para o Jornal. A dureza do trabalho e a rudeza da vida também embrutecem. Há quanto tempo não leio nada! Mal vejo as parangonas dos diários de vez em quando. Não posso estar atento aos noticiários. A vida escondida e obscura que me propus viver junto dos que nada têm, faz-me perder a vida. Mas é isso mesmo que eu quero: — perder-me.

Sem pessoal nenhum para cultivar o campo — a nossa quinta é o nosso celeiro — vejo-me obrigado a estar atento de sol a sol a tudo o que se tem de semear, tratar e colher. **Primum vivere.** Este é o imperioso dever.

Alegrem-me as reivindicações de todos os trabalhadores por um salário justo; por melhores condições, por segurança, por cultura — numa palavra — por tudo o que pode promover o homem. Mas revolta-me a exigência de menos trabalho. Quantos anos sem férias? Ordinariamente sens fins de semana. Com uma carga brutal às costas, de crianças, adolescentes e jovens, numa pressão de pedidos que aumentam de dia para dia, observando a marginalização das pessoas a aumentar, sem ninguém, nem nada que vá ao seu encontro, não posso deixar de sentir indignação perante a exigência de menos trabalho. Não me importo que me chamem nomes. Sou o que sou.

Os rapazes mais conscientes têm comungado do esforço e da dureza que a vida nos impõe. É também um lenitivo. Mas custa-me vê-los assim enquanto tantos colegas deles do Liceu e das Escolas são, em férias, uns lordes.

Colhemos umas largas toneladas de batata debaixo de um sol abraçador; sachámos 40 mil pés de tomate, neste Julho escaldante. Fizemos mais de mil caldeiras de árvores e têmolas regado. Reconstruímos a casa para o Rogério que vai casar. As nossas oficinas não diminuíram o ritmo. Os estudantes mais velhos têm sido os mais sacrificados por que menos habituados ao ritmo do esforço físico.

Gostaríamos de ver os portugueses a construirem por suas mãos o seu futuro, numa arrancada que eliminasse os marginais e nos colocasse a par dos outros povos da Europa. Com trabalho, com estudo, com investigação, com partilha de bens, com esperança, alegria e amor.

x x x

Um grupo de rapazes, veio, pela voz de um padre, pedir-nos alojamento barato no Lar durante vários dias. Sim senhor. Somos abertos a toda a gente! Exigimos decência e respeito. Os rapazes vieram só dormir.

Gente dos 18 aos 20 anos! Juventude dos Liceus, das Escolas e Universidades. Por falta de Senhoras, foram os nossos quem lhes fez a cama e puxou o lustro aos quartos.

Eu não agi democraticamente. Disse sim sem consultar os nossos rapazes. Que acon-

teceu? — Uma balbúrdia que não deixou dormir os vizinhos e a que tive de pôr cobro. As camas tornaram-se uns ninhos de cão, o balneário um lago de água e sujidade!... Os corredores cobertos de pontas de cigarro e de papéis!

E os nossos atiraram-se a mim cheiños de razão.

Que educação recebe esta gente em casa e na Escola? Quem lhes faz a cama durante o ano? Como é o seu quarto em casa? Estou mesmo a ver que a mãe é a criada da casa e os meninos, apesar de pobres, uns prodígios!

Ficou-me a lição!

Padre Acílio

Malanje

● Chegámos às 8 horas da manhã ao Zenza. Eu e os meus pequenos nos sentámos para tomar o pequeno almoço — não temos cor na nossa Casa. A seguir entraram um senhor e o seu motorista negro. O senhor pediu para os dois o mesmo. E irmanados no repartir do pão, fizeram em paz a sua refeição.

Quadros lindos! que o mundo desconhece...

● Também o contrário para nossa meditação e emenda:

A estrada comprida e o calor extenuaram um casal que eu vi chegar a um bar do Dondo. Depois de se lavarem e tomarem um refresco, se instalaram numa mesinha onde se fizeram servir duma boa refeição. No carro — o sol a dar-dear — uma pequena nativa de 10 anos, à espera dos senhores! Silenciosa e resignada...

Eles indiferentes pagaram a conta e se foram, como se a pequena fosse uma das caixas da bagagem.

Assim não!

Se todos irmãos, pois todos à mesa partindo e repartindo o pão.

● Entrei há dias em casa do sr. Administrador de Causo, vila a 65 Km de Malanje. Sua esposa sentada num sofá com uma menina preta de 3 anos ao colo. Consolou-me o quadro e quis saber.

Uma mulher preta teve 3 gémeos. Os habitantes da sanzala consideram feitiço e o sr. Administrador levou para sua casa a mãe e as crianças. Duas gémeas adoeceram. Uma faleceu de encefalite e outra de leucemia, devidamente tratadas pelo médico. A terceira, Maria Filomena, um amor de criança é filha e irmã dentro daquele lar. Chama pai e mãe. Eles a beijam e acarinham como verdadeira filha. Não há cor no coração desta menina...

Uma ternura infinda que vencendo esta hora chegará ao infinito.

Padre Telmo



Legendas

● «O livro «O Barredo» já me deu umas horas de prazer e de meditação. Com a nova situação, todos unidos, podemos pensar num amanhã melhor.»

● «Oxalá nunca vos venha a faltar o papel, porque «O Gaiato» faria imensa falta, pelo bem que faz, se passasse a publicar-se mais espaçadamente. Aproveito sempre da sua leitura.»

● «Que «O Gaiato» continue a ser o mensageiro do verdadeiro Amor Cristão para que todos possamos dar autêntico testemunho.»

(De cartas)